

# COMMERCIO DO MINHO

4º ANNO 1876

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 447

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

## PUBLICA-SE

AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

Preços: Braga, anno 18600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 25400 rs e sendo duas 45000 rs.—Semestre 15250 rs.—Brazil, anno 45400 rs.—Semestre 23300 rs. moeda forte, ou 105000 reis e 55500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

### BRAGA—QUINTA-FEIRA 20 DE JANEIRO

#### Explicações.

Na qualidade de editor do *Commercio do Minho*, corre-nos o dever de consignar aqui algumas explicações, provocadas por alguns mal-intencionados, e dirigidas aos verdadeiros legitimistas.

Sabemos que se procura fazer acreditar, que os artigos e correspondencias dos nossos illustres e presadissimos correligionarios e amigos, B. de Senna Freitas e A. R. Saraiva, parecem em certo modo destinados a introduzir a scisão entre os legitimistas, e que o *Commercio do Minho*, publicando uns e outras, se presta servilmente a tão inglorio papel.

E' uma crudelissima injustiça que nos fazem, quando não vilissima calumnia que nos assacam, e que repellimos com toda a energia. Pelo que toca aos dois escriptores referidos, nenhum d'elles carece de defesa de qualidade alguma.

Dizei-nos, corações angelicos; quaes são os transfugas e os vendidos,—aquelles que tem a coragem dos seus actos e tomam d'elles toda a responsabilidade, accetando-a plenamente; ou aquelles que forjam artigos e correspondencias recheadas de allusões inflamantes, e que se não atrevem a firmar o seu nome, espessando-se na commoda mascara do anonimo?

Parece-nos que estes é que são os traidores, já vendidos ou em vespasas de se venderem.

Adquirimos a valiosa collaboração dos snrs. A. R. Saraiva e B. de Senna Freitas, na esperança, nunca mentida, de que prestaríamos bons officios ao partido a que nos honramos de pertencer, e ao qual temos sacrificado o que nos é possível sacrificar. Os escriptos dos nossos esclarecidos correligionarios ahi estão, atestando que o escriptor entra na liça de viseira levantada e abroquelado com o escudo da lealdade, porque o combate do partido legitimista é de leaes.

Não mentimos, todavia, á nossa consciencia dizendo, com toda a franquesa, que nos parecem um pouco exaggerados alguns dos artigos do snr. Senna Freitas, quando deixam entrever taes ou quaes referencias a determinadas pessoas; este senão devemos attribuir-o á idade e genio fogoso do moço escriptor, e nunca á sua indole e cavalheirismo inquebrantavel.

Quanto a algumas correspondencias do snr. A. R. Saraiva, por quem todo o legitimista deve professar e professa o mais profundo respeito e veneração, diremos que estamos persuadidos de que, se s. ex.<sup>a</sup> residisse em Portugal e conhecesse de perto as difficuldades com que o nosso partido lucha ha 41 annos; ou tivesse informadores mais exactos; talvez moderasse allusões menos justas que se notam em algumas das suas estimadas e sabias correspondencias.

Estas declarações são exigidas pela nossa consciencia, e não pela consideração que nos mereçam os nossos detractores: quem suspeita da nossa lealdade, não tem direito a que acreditemos na sua.

Os nossos esforços tendem somente a dar vida e acção ao partido legitimista, e quando lêmos artigos como o que a *«Nação»* publica em 8 do corrente, firmado sobre a mesma base dos do snr. B. de Senna Freitas, nenhum remorso nos fica de ter dado publicidade aos escriptos d'este cavalheiro.

Concluiremos dizendo, que na publicação dos trabalhos dos dois escriptores que servem de innocente pretexto para tantas suspeitas, não ha da nossa parte desconsideração para com o partido legitimista, nem para com nenhuma das pessoas que o compõem. Temos sido sempre fieis ás nossas convicções profundamente legitimistas, e esperamos em Deus morrer com ellas.

O nosso posto d'honra tem sido e será onde estiver a legalidade e os bons principios que constituem o nosso credo politico; a estes e aos que os represen-

tam obedeceremos sempre; e enquanto não recebermos ordens em contrario, fecharemos os ouvidos aos tartufos, guandonos, como até hoje, pelos dictames da nossa consciencia.

JOSÉ MARIA DIAS DA COSTA.

#### COLLEGAS E AMIGOS.

Ao favor de um amigo devo eu o ter sabido ainda hontem, que uma correspondencia d'ahi, inserta em a *«Nação»* de 30 do passado, me dizia respeito.

Assim, pois, se a resposta vae um pouco tardia, que tenha paciencia aquella a quem a devo, pois não sou obrigado a adivinhar, que tal ou qual jornal se occupa da minha humilde pessoa.

Eu devo porém antes de tudo declarar, que não era minha tenção a principio gastar tempo com o que vou escrever, e isto por duas razões; primeira porque não sei com quem tenho a honra de falar; segunda porque a melhor resposta entendo que a deu o proprio correspondente a si proprio, quando pará ver se conseguia ferir-me, precisou falsear a verdade.

Eu não costumo dar attenção a fantasmas.

Quem tem a consciencia de uma accusação que faz, não occulta o seu nome, mostra-se de frente, e não se esconde por detraz das paredes da imprensa, para atrair das encrusilhadas.

De mais, os que tem olhos para ver e desejarem inteirar-se da verdade com que falla o auctor da correspondencia em questão, podem examinar os meus artigos publicados na *«Semana Religiosa»* e que foram o motivo das injurias, que o correspondente de Braga julgou um *dever de caridade, e um serviço á Igreja*, atremessar-me.

De envolta, porém, com o meu pobre nome tentou-se deprimir os meus bons collegas da *«Semana Religiosa»*, pessoas de

quem gostosamente me confesso amigo e a quem muito respeito, para que deixasse passar sem replica os insultos que se dirigiram a tão nobres caracteres.

E como se isto ainda não fosse motivo bastante, acrece mais, que o alvo principal dos tiros da correspondencia é um vulto venerando, um successor dos Apostolos, o vregio Pastor d'esta archidiocese, ao qual todos devemos o maximo respeito e o mais entranhado affecto.

Esta circumstancia pois constitue-me na dura obrigação de diser ao senhor D. (doutor?)—*vade retro*, aqui não se toca.

E não, snr. correspondente; pelo menos não se faz imponemente.

A mim ensinaram-me desde a infancia, que o primeiro dever do catholico é o respeito devido aos seus legitimos pastores.

Não sei pois, se isto é assim, como harmonisar o ardente catholicismo, que o auctor da correspondencia nos quer mostrar que está suando por todos os poros com a diffamação que pretende faser do seu Pastor e pae espirital.

Eu glorio-me de estar unido a Pio IX, o Chefe immortai da Igreja, mas unido por intermedio do meu Prelado.

D'outra fórma, e como o correspondente pretende, essa união é impossivel, nem S. Santidade a quer.

Entremos porém no amago da correspondencia.

Eu noto n'ella tres circumstancias, que principalmente a caracterizam, e são: leviandade no seu auctor; bastante má fé e um tal ou qual despeito mal encoberto.

Desculpe-me o fallar-lhe assim.

Sabe, que nunca fui adulator, ainda que agora me lance em rosto essa baixesa, que graças a Deus já mais reconheci em mim, e contra a qual eu invocaria o testemunho do mesmo correspondente, que por experiencia propria talvez pudesse depor sobre o caso, se porventura se dignasse diser-me quem era.

A sinceridade e singueza com que sempre tenho pugnado pela verdade, por

## FOLHETINE

### PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

Quantos artigos, e bem compridos, se não tem escripto, a averiguar como foi que o Lafontaine se fez fabulista! Assim tambem andava eu desejo de saber, como é que Pinho Leal veio a ser auctor de um dictionario... Porque emfim não é um acto trivial na vida, uma pessoa fazer um dictionario!

Parecido n'isso com aquelle fidalgo hispanhol, que, batendo de noite á porta de uma estalagem, disse quem era em trinta e dois nomes, e por tal arte assustou o locandeiro, mercê de sua riqueza de appellidos, que o homem, sem se atrever a abrir, lhe retorquiu não ter quartos para tanta gente; assim o auctor de *Portugal antigo e moderno*, dictionario geografico, estatistico, chorografico, heraldico, archeologico, historico, biografico e etimologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias, muda de fisionomia ao ponto de parecer uns poucos de homens, conforme se lhe chamar por este ou aquelle nome, todos seus aliás.

Em casa é Augusto. O snr. Augusto... Nome que tem um aroma de novella, nome de rapaz, de namorado...

Na livraria Mattos Moreira, chama-se-lhe Barbosa. Snr. Barbosa cá, snr. Barbosa lá, Bordalo Pinheiro, que lhe era affeiçãoado, nunca o tratou de outro modo, mesmo nas horas de tutela em que se lhe constitue populo por sua livre es-

colha para irem ver o cyclorama, as figuras de cera..

—O' sr Barbosa?

—Que é lá?

—O snr. já viu o pif, paf, puf?

—Eu vi o diabo que o leve; sei cá o que é o pif, paf, puf!

—Vamos ver? E' muito perto...

—Vamos lá.

E iam. Bordalo Pinheiro chamava a isso *leval-o aos divertimentos*, e perguntava-lhe depois:

—Gostou, snr. Barbosa? Ainda lá havemos de voltar.

Na capa dos fasciculos da sua obra, antes do Barbosa e do Augusto, vemos Soares de Azevedo. Estes appellidos são de reserva e nunca lhes dá gasto. Mas, logo para diante, temos Pinho Leal. E' como lhe eu chamo sempre; porquê? não sei. talvez para lhe não chamar como o Bordalo, nem como a familia, nem como o Mattos Moreira, nem como o Dictionario.

—Pinho Leal!

Mas n'um dos ultimos dias do mez passado, estando em minha casa um individuo do Porto, vê o retrato d'elle, d'elle Pinho Leal, d'elle Barbosa, d'elle Azevedo, d'elle Soares, d'elle Augusto, e diz-me:

—Ah! Este é o retrato do snr. Albergaria!

—Quê, Albergaria? Isso é de mais, isso não é crível, opponho-me a isso...

—E' Albergaria, disse-me o outro; conheço-o muito bem: excellente pessoa, Albergaria como é.

Era preciso examinar isto, era-me in-

dispensavel inquirir, apurar, metter-me pela noite dos tempos e ir parar a algum de seus avós, mais antigo do que o paf; com tanto que ficasse sabendo tudo, e, por entre o tudo, o mais importante, como viera elle a ser auctor de um dictionario!

Principiemos pelo principio. Seu pae, que fora mandado estudar para padre na villa de Estremoz, fugiu de casa de uma tia a quem os paes o haviam confiado, e foi para Elvas assentar praça em artilheria 3. Seguiu desde então a vida das armas, que costuma ser fertil em lances de varia especie; ferido n'algumas batalhas, na do Bussaco por exemplo, em 1810, quer consolar-se das lides da guerra nas venturas do amor, namora-se de uma menina que estava no convento de Monchique, D. Rita de Cassia Soares de Azevedo, neta do doutor Manuel Soares de Albergaria, (assim caeei agora o Albergaria!) em 1815 rapta-a, e veem casar em Lisboa; o primeiro abençoado fructo d'este matrimonio, digamol-o assim para não deixarmos cair em desuso esta frase contemporanea de acção, foi este mesmo Augusto, Soares de Azevedo por sua mãe, Barbosa Pinho Leal por seu pae, Albergaria por seus avós maternos.

Onde elle nasceu me perguntam? Para que estarmos agora, com este frio, a ir tiral-o das faixas infantis!? Basta dizer-lhes que foi para a Bahia com sua familia, em 1822, na esquadra portugueza, que em 1826 assentou praça em Castro Morim em caçadores 4; e que emigrrou, quatro dias depois, para Hispanha com o batalhão; depois, campanha de 26

e 27; emigração em Arnedo; regresso para Lisboa em 28.

Estudou um anno no Collegio dos nobres; obteve passagem para a guarda real da policia do Porto e licença para estudar mathematica na academia de marinha e commercio d'aquella cidade. Em 1833 é do regimento de caçadores da Beira Baixa. A idade dos dezeseite annos costuma ser cantada nos romances e nas tradições da vida como descuidosa, e alegre; não sei se elle o entende assim, e tem seus motivos para poder julgar de outro modo: ferido na batalha de Asseiceira, prendado com uma bala que lhe atravessou a perna esquerda, fica prisioneiro do Villa Flor na ultima batalha dada entre realistas e liberaes em maio de 34, no dia em que fez dezeseite annos.

Vem para o Castello de S. Jorje; é solto em junho, como todos os camaradas, pela convenção de Evora Monte. A este tempo iam escassos os haveres de seus paes; o moço sem saber a que tornar-se para ganhar a vida, fez-se mestre escola. Ao fim de um anno sente-se enfastiado d'essa profissão, faz-se pintor. Como desenhasse soffrivelmente, alcaça na Terra da Feira, para onde tinham ido residir depois da convenção, uma nomeada apenas dois ou tres luros abaixo da do Raphael ou do Miguel Angelo. Conseguir ganhar por aquelle officio, como diz o outro, com que compre umas casitas e uma quintarola que ainda possui na freguezia do Valle. Ao mesmo tempo acordou n'elle a mania de ler, lêr, lêr...

(Conclue no proximo n.º)

veses me tem sido nocivas aos meus interesses, com o que pouco se me dá, porque a minha consciencia vive alegre.

Mas prosigamos.

Da leviandade com que foi escripta a correspondencia é prova sobejá essa longa tirada de duas columnas, que para mais evidente tornar a doença de que se reveste, tem periodos que não parecem escriptos em portuguez.

Este defeito porém seria ainda o menor se o não aggravasse a má fé que o reveste.

Quer a prova? Eil-a.

«Mas agora o clero, é o correspondente a fallar, cada vez mais admira, não o que a dita folha (a «Semana Religiosa») devia ser, mas o que é: onde, se pergunta, a apologia dos mysterios divinos da nossa sacrosanta religião contra a impiedade dos hodiernos tempos?...»

Que alguém admire aquillo que ainda deve ser, já era coisa nova para mim, se maior novidade não fosse que alguém admire a não existencia d'aquillo que existe.

Leia a «Semana», sr. correspondente, e se lá encontrar, não um, mas varios artigos dos que deseja, admire-se embora, mas da leveza com que faltou á verdade!

E se mais não tem feito, diga-me o sr. correspondente por que não se tem dignado preencher estas lacunas?

Pois acaso só tem penna para deprimir os que, sem outra recompensa além do odio dos máos, não cessam de trabalhar em favor da Igreja?

Desejara, repito, que o sr. correspondente se manifestasse para que podessemos admirar também os seus trabalhos no sentido que indica, e que por certo devem ser muitos e muito grandes.

Agora permita-se-me, já que estou com as mãos na massa, o diser alguma coisa também sobre o que mais particularmente me toca.

Sinto não saber quem é o auctor da correspondencia, para conhecer a quem devo estar muito obrigado pelo seguinte mimo que me offerece.

«O sr. Marinho, sem adoptar taes ideias (ignoro quaes) deixou-se arrastar por esse estouvado palanfroiro de reforma do clero, que por ahí se desce desde o sr. D. Fr. Joao rege a Igreja bracarense, para faser côro com o liberalismo.»

Com que então eu faço côro com o liberalismo por desejar que o clero seja todo o que deve ser, e os que por ahí tem andado de porta em porta a pedir votos para... fiquemos por aqui, sobre este ponto e prosigamos.

Vem o que deixamos transcripto a proposito dos meus artigos que sobre reforma e união do clero tenho publicado na «Semana Religiosa Bracarense», e a cujo respeito escreve ainda o correspondente:

«O sr. Marinho diz, que o clero deve ter sciencia e virtude, d'accordo; porém o artigo de s. s.<sup>a</sup> é uma gravissima e injusta accusação contra o clero.»

Mas não é verdade, que o correspondente está d'accordo comigo em que o clero deve ter sciencia e virtude?

Logo reforça a accusação que me empresta, pois nunca me passou pela imaginação que a tivesse feito.

Sei agora, que quando, por exemplo, um orador sagrado, prégando sobre o quinto ou setimo preceitos do decalogo, aconselha os seus ouvidantes a que não sejam amigos do alheio, ou que poupem a vida ao seu semelhante, é porque *suppõe* que o auditorio seja todo de ladrões e assassinos.

Vamos continuando, que tem graça.

«E não menos inconsiderado é, quando escreve sobre a reforma litteraria do clero. E' hoje mania dos inimigos do clero e da Igreja fallar muito sobre a instrução do clero.»

De novo agradeço o presente de me faser solidario com os inimigos do clero, e isto porque? porque desejo, que a classe ecclesiastica se sustente pela instrução e saber á sua verdadeira altura.

Mas quando eu esperava, que tão *stre-nuo* defensor do clero, me confundisse, mostrando, que os meus desejos não tinham lugar porque todo o clero tem a sciencia e virtude bastantes, sae-se-me com o diser que *alguns* padres não tem nem uma nem outra coisa.

Isto não me atrevi eu a diser, apesar de na mente do correspondente ser inimigo do clero, e faser côro com o liberalismo.

E que remedio aventa elle para evitar, que o mal, a força de o deixarem medrar, vá progredindo, fazendo novos estragos? O remedio melhor é não faser caso;

ou então segundo o principio dos homeopathas, *similia similibus*, isto é consentir que novas doses de ignorancia e relaxação o vão curar, porque «sempre assim foi e ha de ser em todas as coisas dos homens!»

«O clero, continúa o correspondente, precisa por assim diser, de duas sciencias: isto é, clero de instrução sufficiente para o bom desempenho de seu ministerio sagrado, ensinando doutrina, administrando sacramentos etc., e essa instrução geralmente não falta, e clero de instrução superior para impugnar os inimigos da Igreja, e defender as verdades do catholicismo; e esta instrução nunca faltou nem falta á Igreja.»

Que adiantará o auctor da correspondencia no periodo que deixo transcripto, ao que eu mesmo, ainda que por outras palavras escrevi, quando a proposito da reforma do clero, me occupei da que necessitam os nossos seminarios?

Por certo que pelo que disse o sr. correspondente, o clero lhe não ficará obrigado, se por mim se julga offendido.

Para que vem pois diser-me, que o que pretendo é dificultar as ordenações em nome da sciencia?

Mais cavalheirismo, e menos má fé, sr. correspondente.

Sim, o que eu ignorava era, que pelo facto de nunca fallar na Igreja clero de instrução superior que impugnassem os inimigos do Catholicismo, superabundasse elle em Portugal.

Quando via alguns ecclesiasticos dos que pelo seu saber occupam um lugar distincto na republica das letras, disserem uns em pleno parlamento, que não queriam a liberdade de cultos, só para não verem lazarisitas, jesuitas e irmãs da caridade passeando livremente por este paiz; outros subirem ao pulpito para faserem a apologia da extincção das ordens religiosas, quasi me convencia de que os mais sabios eram os que, para não comprometterem os seus titulos litterarios, se conservavam mudos.

Agora porém fico sabendo, que não é assim, porque a Igreja nunca faltou clero em circumstancias de tomar a sua defesa.

Imaginará este sr. correspondente, que a Igreja está toda em Portugal?

Ainda algumas linhas mais, e eu concluo.

Tambem ignorava, que aconselhando o clero á união, lhe arrogava por isso nova injuria; mas disse o sr. correspondente de Braga para a «Nação», e tanto basta.

O que val é que não teve mão na palavra por muito tempo; e senão, leiam e pasmem!

«Continúa ainda o sr. Marinho uma serie d'artigos sobre a união do clero, que são outra accusação grave e injusta, porque supõe o clero desunido... O clero está unido pela mesma fé etc.»

Segue logo no periodo immediato, dizendo:

«Confesso, que entre o clero portuguez não ha a necessaria união etc.»

Em que ficamos, sr. correspondente?

Desejava saber-o para meu governo. Concluo, pedindo ao correspondente de Braga para a «Nação», que julgue na sua consciencia se será conveniente e justo aggreddir pela maneira que o fez, quem, unicamente com os olhos em Deus e com a consciencia nas mãos, tem gasto o melhor da sua vida na defesa da Igreja e dos seus direitos.

Eu não sou tão pretensioso que julgue isentos de defeitos os meus escriptos.

Mas que o meu Prelado, a cuja alta auctoridade respeitosa o submetto, me diga, que a Igreja dispensa os meus acanhados serviços, e ao mesmo momento quebrarei a penna.

Em quanto porém S. Ex.<sup>a</sup> Revd.<sup>ma</sup> julgar na sua alta prudencia e sabedoria, que posso ser util á causa de Deus pelo modo porque o tenho feito até agora, continúe desassombrado, sem que me quebrem o animo nem quantas correspondencias a «Nação» possa inserir contra a minha humilde pessoa.

M. MARINHO.

Madrid, 15 de janeiro.

(Correspondencia particular do «Commercio do Minho»)

Os assumptos do dia nos circulos officiaes são as eleições para deputados e senadores. A respeito d'ellas não fatiga-

rei os leitores, porque uma como todas, e todas como uma, são o mesmo que tem sido sempre, mais ou menos violentadas pela pressão do governo e pela paixão e ambição dos partidos, o que as torna uma aberração do systema verdadeiramente representativo.

Para nós os legitimistas, e para aqueles que na politica e nos actos do partido carlista estão vendo o primeiro capitulo da historia politica da Europa, mais interessa saber quanto, diga respeito aos movimentos que se ensaiam no norte. Eis a razão porque me limito mais a este ponto nas minhas aliás extensas correspondencias.

Em uma das minhas anteriores cartas lhes dei conta das forças liberaes e carlistas. Irei agora descriminando, á proporção que obtenha dados fidedignos quaes as posições occupadas e a disposição das tropas n'essas posições.

Hoje posso fallar-lhes de toda a linha do Aragão até ás extremas de Pamplona, Villatuerta e Estella.

Esta extenção linha acha-se occupada por quinze batalhões, e assim dispostos:

O 1.<sup>o</sup> batalhão de Navarra, e 2.<sup>o</sup> de Castilla, commandados por Foronda, acham-se sobre Oricain e San Cristobal: uma outra força d'esta brigada estende-se por companhias desde Aois até Domeno.

O 5.<sup>o</sup> de Navarra está do lado de Iruzum, bem como um batalhão valenciano e outro castelhano, que com a brigada de Foronda compoem a linha de Pamplona, ás ordens do general Lalumbe.

Nas margens do Agra, além de quatro batalhões que as guarnecem está o 9.<sup>o</sup> Navarro, que se estende desde Echauri até Artagu. Na sua rectaguarda, em Guirguilano está o batalhão Gandra, commandado por Flix, sobre Sarria e defendendo a povoação do mesmo nome.

Tambem o Arga e Salado, até Maneru está estendido o 4.<sup>o</sup> batalhão Navarro.

Em Garisovino ha uma companhia do 8.<sup>o</sup> navarro, outra em Iruze, outra na Granja, outra em Loria, termo de Cirauqui, e quatro companhias tambem deste corpo em Cirauqui vigiando toda a linha.

Desde Lorea até Villatuerta está o 6.<sup>o</sup> navarro, cobrindo com quatro companhias Arandigoyen, Murillo e Zuzucuin.

O 3.<sup>o</sup> navarro, ás ordens de Perula com a artilheria rodada acham-se em Estella. Na linha de Solana ha tres batalhões ás ordens do brigadeiro Domerain.

Entre a Solana, Losarcos e Valla de Echauri está estendida uma grande força de cavallaria e protegida por uma força de infantaria ás ordens de Bolias e que se move até Sesma.

As forças volantes de Azcarate estão entre Villatuerta a Oteiza.

A cavallaria commandada por Portello acha-se entre Alto, Oteizão e Saria. A cavallaria commandada por Chispas está entre Maneru e Mendigorria.

Sobre Belascoain e alturas da margem esquerda do Argo, em frente a Portillo ha outra força, bem como do lado de Aois, que está commandada pelo valente Rosa.

O 1.<sup>o</sup> e 7.<sup>o</sup> navarro e bem assim o resto das forças do Aragão e de Castilla, ás ordens de Cervero estão entre Guipuzcoa e Alava.

O unico ponto que havia sem intrincheiramento era nos montes de Chapardía e Zurucuin, ao norte do monte Esquinza. Estas obras estão já em construcção com grande actividade.

No alto chamado de Soruco, e ponto que domina Santa Barbara ha um reducto circular, montado por oito peças, cujos fogos estão dispostos em todas as direcções, sendo necessario advertir que para a conducção da artilheria para o reducto construíram os carlistas uma estrada desde Muoz.

Outro reducto do mesmo genero, construíram em Espalaz, ponto grandemente strategico, sobre Salinas del Oro.

Ha tambem quatro baterias nas serras de Sarrin, onde ha uma ordidura bastante engenhosa de intrincheiramentos.

Depois de inutilizadas as pontes de Ibero e Echauri, restava como unica passagem a ponte de Belascoain. Esta acaba de ser cortada.

Esta é a attitude que cada vez com mais garantias vae tomando o exercito carlista.

Uma carta de Pamplona, escripta por A. Blay, e que é insuspeita pelo liberalismo do seu auctor, diz o seguinte, que demonstra, que não é só resignação pelos soffrimentos da guerra, o que experimen-

tam os carlistas, senão que os combates para elles são coisa que pouco vai.

«Todo o dia de hoje se tem continuado a fazer fogo de artilheria e fuzileria sobre Oricain. Os carlistas distinguem-se «perfeitamente, uns jogando as cartas, outros a pelota, e respondendo de quando em quando ao nosso fogo, voltam placidamente aos seus divertimentos.»

Eis como estão distribuidas as forças carlistas perto de Pamplona.

Desde Erice até aos altos de Alzuza ha quatro batalhões ás ordens do brigadeiro Larumba, distribuída a força n'aquella pela seguinte fórma:

O 3.<sup>o</sup> batalhão Navarro, ás ordens do coronel Orlandiz occupa desde Erice até Oteizas; no primeiro d'estes pontos está a musica e o estado maior. Em Laruga estão seis companhias, fazendo uma o serviço no portico que dá para Pamplona e as duas restantes em Aruscar, as quaes dão serviço até á parte de Barruazar.

O 8.<sup>o</sup> batalhão, ás ordens de Lacamuel occupa desde Oteiza até Eura dando serviço de avançadas á parte do alto de San Christobal.

O 2.<sup>o</sup> batalhão, ás ordens do tenente coronel D. Fabiel Elio de Elio, opera desde Soraurin até Sabalicas, servindo duas companhias de avançadas em Oricain, e uma no alto do monte do mesmo nome.

O terceiro batalhão de Castilla occupa desde Sabalicas até aos altos de Alzuza, dando avançadas para o lado de Hugarte.

Continuam os trabalhos da organização do exercito da Catalonha e Centro. Boet está ainda em Estella occupado dos despachos para aquellos exercitos.

O partido legitimista francez como que tomou sob sua protecção os novos exercitos. Em diversos pontos da fronteira franceza se tem feito numerosas reuniões para este fim e estão sendo enviados numerosos soccorros de homens, cavallos e munições assim para a Catalonha como para o Centro. Os esforços dos representantes de Hispanha junto ao governo francez continuam a ser infructiferos, pois que assim os carlistas, como os legitimistas francezes conseguem illudir toda a vigilancia e põem em pratica tudo quanto é a favor da causa.

O governo de Madrid temendo um golpe de mão dos carlistas sobre Cartagena, auxiliados pelo partido republicano, acaba de expedir ordens para se fazerem reparos e outras obras nas fortificações d'aquella cidade.

Foi consideravelmente reforçada a linha carlista em frente de S. Sebastião. Actualmente estão n'aquellas linhas quinze batalhões, sendo d'estes 9 guipuzcoanos, 1.<sup>o</sup> 2.<sup>o</sup> e 11.<sup>o</sup> navarros, 4.<sup>o</sup> alavez e dois valencianos.

Tem havido um movimento de concentração nas margens do Orio e proximidades de Vera. E' possível que se suspenda por alguns dias o fogo sobre Hernani.

Escusado é dizer que considero como fidedignas todas as noticias que lhes dou hoje, assim como as que dou sempre, pois que antes de as escrever baseo os necessarios elementos para garantir a sua veracidade.

Em nome do partido carlista cumprimento agradeço á redacção do «Commercio do Minho», ter aberto em face da minha correspondencia uma subscrição para os prisioneiros carlistas. D'este facto dei conta á Junta Superior. Oxalá que os nossos irmãos portuguezes correspondam a tal convite com a fidalguia que tem sido sempre seu melhor apanagio.

Y.

Londres, 8 de janeiro de 1876.

(A' redacção do «Commercio do Minho»)

N'essa minha ultima carta para o «Apostolo» cuja copia envio ao «Commercio do Minho», se encontraram novas proezas do espirito de materialismo ou *livre-pensar* (que vem a dar na mesma cousa), por onde a maçonaria intenta fazer que o mundo retrograda ao barbarismo—que n'isso havia vir a dar o triunfo dos principios maçonicos.

A proesa de Bremerhaven—tão caracteristica da civilização liberanga, e da moral que tem de necessariamente produzir—ha dado já, e ha de continuar dando motivo e materia a revelações e discussões, que mais e mais patenteam a hediondez dos principios, motivos e procedimentos d'essas infernaes sociedades secretas, que tantos papalvos declaram in-

nocentes e virtuosas (!!!); enquanto elles mesmos não são mais que instrumentos cegos de especuladores sem outros principios que os do proprio egoismo.

Encontro no «Commercio do Minho», recebido esta manhã, n.º 438, de 29 de dezembro ultimo, uma carta assignada B. de Senna Freitas, tratando das propensões soporificas que attribue ao que em tempo foi nação portugueza legitimista, ou nacional (que são sinonimos no meu dictionario politico—entendendo-se, que eu ponho a legitimidade nas coisas como principio, nas pessoas como consequencia).

Queixa-se o tal artigo, de que a nação legitimista esteja dormindo a somno solto, e parece que sem esperanza de fazer a despertar. Como quer o sr. Senna Freitas que ella acorde, quando, desde 1870 para cá, se não tem feito outra coisa senão embutir-lhe opiatas para que dormisse e descaocasse á sua vontade?

Segundo noticias que por cá me chegaram, houve por lá uma coisa muito importante, a que chamaram *comicio*, onde (apesar do aroma republicano da coisa) se tomaram resoluções monarchicas importantissimas, de que todos temos visto o brilhante resultado.

Supponho que do tal *comicio* sahio a resolução de mandar a Roma certos politicões de póipa, indicar á rainha e a seu filho quem eram os estadistas e personagens da approvação do *comicio*, capazes de voltar o Portugal politico com o de cima para baixo, visto que a revolução e a *Quadrupelle* o voltaram com o de baixo para cima. Da obra dos estadistões em Roma nada sei, senão que (segundo informações presenciaes, estrangeiras) os taes representantes do *comicio* representaram mui triste papel—supponho, comtudo, que, por não perderem de todo a jornada, alguns se fizeram fazer ou confirmar *condes*, pelo menos, ou *marqueses*.

Tambem me consta que pela mesma occasião, tiveram a bondade de qualificar-me a mim como um bom pobre visionario, que nada sabia ou entendia das cousas ou estado de Portugal (cujos segredos e circumstancias só o *comicio* conhece bem, e d'ellas sabia tirar partido).

O certo é, que d'alli veio a senhora D. Adelaide Sophia já menos mal instruida, acerca d'aquelle visionario de Londres, que, por nada saber de Portugal, resuscitou, desde 1842 a 1847, a causa e fama d'El-Rei D. Miguel em Portugal. Mas a acção do *comicio* e dos *comicieiros* não operou em Roma sufficientemente para inspirar a politica dormente da senhora D. Adelaide; e por isso mandou-se a Bronnbach um tira-teima, que lá foi pôr todo a direito, e preparar os progressos (de *caranguejo*) que a causa portugueza tem feito nos cinco annos que acabam de findar, para uma restauração nacional sensata e verdadeira.

Digam, pois, ao sr. Senna Freitas, que deixe dormir a creança legitimista; que está em boas mãos (nas do *comicio* e seus representantes); e que não tenha duvida nenhuma, de que elles hão de resuscital-a quando mais não seja na vespera do dia de juizo á noite.

Para segurança d'isso basta a certidão do padre Reis aos «seus amigos» da Nação, de que viu com seus olhos o Sr. D. Miguel II commandar meia duzia de soldados austriacos—; Vejam que honra e que preza!

A. R. SARAIVA.

## GAZETILHA

**Preces.**—Sendo a falta de chuvas na presente estação muito sensivel e prejudicial, e não havendo outro meio de remediar os males que já se experimentam, e de evitar outros muito maiores que se temem—se a falta de chuvas ainda continuar por algum tempo—se não implorar a misericordia divina para se compadecer e afastar de nós tão grande calamidade; Havemos por bem ordenar que na Sé Primaz e em todas as igrejas das parochias, dos conventos das religiosas, das misericordias, e sanctuarios d'esta archidocese de Braga, se façam preces publicas *ad petendam pluviam* em tres dias continuos, ou em tres dias festivos successivos, com o SS. Sacramento exposto no throno ou á porta do sacratio, como mais conveniente parecer aos revd.ºs parochos e superiores das igrejas, que não são parochias. Paço Archiepiscopal de Braga, 17 de janeiro de 1876.

J. Arcebispo Coadjutor.

**Colombo.**—As empresas maritimas dos portuguezes no tempo de D. João, tomando Ceuta e outras muitas praças na Africa:—as do tempo de D. João II, tomando Azilla e Tanger:—e as expedições de Cadamasti e Vicente Dias, natural de Lagos, com o patrocínio do infante D. Henrique,—foram, pela sua ruidosa fama, as que moveram Colombo ás suas navegações, como o confessam os francezes no seu «Dictionario dos Homens Ilustres» onde se lê o seguinte:

«Christovão Colombo, genovez, nasceu em 1442. Quem o moveu a emprender as suas viagens maritimas foi o ruido que então faziam as façanhosas empresas dos portuguezes.»

**Uma boa noticia bibliografica.**—Temos diante de nós, escreve o «C. da Tarde», um livro em 8.º, de mais de 300 paginas bello na forma, solido na substancia. Tem centenas de bonitas gravuras e até um mappa da Terra Santa. Chama-se *Historia Biblica, ou Narrativa do Velho e Novo Testamento*. Está approved por todos os srs. bispos da Suissa, e por muitos da França, da Italia, do Brazil, etc.

Seu auctor é D. Antonio de Mocedo e Costa, bispo do Pará!—(Quem não conhece o Chrysostomo brasileiro?)

A edição, nitida como poucas, é feita em New-York por Benziger, Irmãos, typografos pontificios. O sr. Jacintho da Silva, livreiro no Porto, dizem-nos que vende cada exemplar d'esta preciosa obrasinha, que deveria andar nas mãos de todos os jovens d'ambos os sexos e ser adoptada em todas as escolas, por 500 rs., encadernada!

A tal preço, porque se não mandam aos milhares para Lisboa e para todas as cidades e villas de Portugal? Fazemos votos porque assim aconteça e quanto antes.

O exc.º sr. bispo de Olinda, acabando de ler o precioso volume a que nos referimos, escreveu as seguintes linhas para as quaes chamamos a attenção de todos os mestres e paes de familia christãos:

«Furtando alguns momentos ás immensas e constantes occupações do sagrado *munus* pastoral, li com summo praser e subido interesse o *Resumo da Historia Biblica*, tão magistralmente traduzido e commentado pela aurea peona do exc.º e revd.º sr. bispo do Grão Pará. Este livrinho é, no meu humilde pensar, digno do maior apreço. Tanto assim que já pude obter fosse elle adoptado em varios collegios da minha querida Diocese. Oxalá seja elle benignamente acolhido no seio de todos os collegios e escolas do imperio, e espalhado com profusão entre todas as camadas da nossa sociedade, maxime, entre aquellas que menos favorecidas são do ensino religioso.»

Fr. Vital, bispo de Olinda.

Depois de tal recommendação, qualquer outra, da nossa peona especialmente, nos parece inutil. Só queremos fazer notar que a obra não se publicou nem, sobre tudo, se vende em Portugal, para ganhar dinheiro. Duvidamos que o preço lhe cubra as despesas de impressão, transporte, encadernação, etc.

Ha pois muito que agradecer... não sabemos a quem. *Deus scil.* Elle dará a recompensa a quem a mereça.

**Malvadez.**—Por volta das 10 horas da noite de 16 do corrente, foi lançado fogo a duas medas de palha, que o parcho de S. Martinho de Moure tinha junto á casa de sua residencia.

O malvado escolheu a occasião em que quasi todos os homens validos da freguezia tinham ido em diligencia capturar uns malfetores e desordeiros da freguezia de Freiz, os quaes foram presos e conduzidos a Villa Verde. Por tal motivo, o povo que se ajuntou á voz de socorro, apenas procurou impedir que o fogo se communicasse á residencia, o que felizmente não aconteceu por não fazer vento n'aquella noite.

**Plantas roubadas.**—Escreve-nos um nosso assignante d'uma freguezia da Ribeira de Penella, pedindo-nos para que lembremos ás autoridades competentes a conveniencia de fazerem apresentar guia de vendedor aos individuos que negociam em plantas; pois que os proprietarios se queixam de frequentes roubos praticados nos seus pomares e bouças.

Affirma o nosso assignante que muitas das arvores roubadas tem sido veodidas n'esta cidade, e que para evitar mais prejuizos os proprietarios se veem na necessidade de mandarem guardar de dia e de noite as propriedades; porque o desaforo tem chegado a ponto de arrancarem as proprias arvores plantadas já este anno.

Alguns dos lavradores d'alli costumam lascrar levemente a plantas, afim de por este meio virem a descobrir os ratoneiros.

Aviso á policia.

**Portugal antigo e moderno.**—Começamos hoje a transcrever do «D. de Noticias» o folhetim do distincto escriptor Julio Cesar Machado a respeito do sr. Pioho Leal, e do seu excellente dictionario, de que repetidas vezes temos fallado. Pedimos venia ao collega.

**Principio d'incendio.**—Pelas 10 horas da manhã d'inte-hontem deram as torres signal d'incendio que se tinha manifestado no recolhimento denominado da *Caridade*. Felizmente não teve consequencias, podendo ser atalhado de prompto.

**Retificação.**—Por ter sahido no nosso penultimo n.º um communicado, sob a epigrafe—*O Hospital de S. Marcos e as Irmãs Hospitaleiras*—no qual se encontram alguns erros e falta de palavras, julgamos do nosso dever fazer esta ratificação, para o completo sentido do mesmo. Portanto, onde se lê—*E' pois sufficiente os pobres*—deve ler-se—*E' pois sufficiente escutar os pobres*; onde se lê—*que no leito da dôr com atroz*—deve ler-se—*que no leito da dôr luta com atroz* etc.; onde se lê—*meigueice*—deve ler-se—*meiguice*;—onde se lê—*trabalando*—deve ler-se—*trabalhando*.

**Fallecimento.**—Falleceu ante-hontem o revd.º sr. Manoel Joaquim da Rocha, conego da sé cathedral, e irmão do sr. José da Rocha Veiga, a quem damos sentidos pesames.

**Prorrogação do jubileu do Anno Santo.**—S. exc.ª o sr. arcebispo coadjutor acaba de obter de S. Santidade a prorrogação do jubileu do Anno Santo, cujo tempo findará em 24 de dezembro do anno findo, até 23 de abril do presente anno de 1876.

**Ratoneiros.**—Consta-nos que ahi para os lados de Palmeira os ratoneiros tem feito das suas, acommettendo os transeuntes com a amabilidade da costume.

Parece ser crescido o numero dos meliantes que infestam aquelle logar, porque apparecem aos tres e aos quatro em varios pontos.

**Chegada.**—Chegou ante-hontem a esta cidade, vindo da capital, onde tinha ido tractar de negocios do seu districto, o exc.º governador civil, visconde de Margaride.

**Abuso intoleravel.**—Informam-nos que n'um botequim do largo de Santo Agostinho, onde se dá o jogo denominado *quino*, se tem commettido algumas irregularidades, e pedem-nos que chamemos a attenção da auctoridade competente.

Não sabemos se tal jogo é tolerado; cumpre-nos, porém, como jornalistas, velar pela observancia da lei e ir de encontro a todos os abusos, pese a quem pesar.

**Varietades.**—O trigo cresce em toda a parte e prospera sob todas as latitudes, nas quatro partes do mundo, excepto talvez debaixo da zona torrida e zona glacial por causa dos extremos, frio e calor, que lhe são igualmente nocivos, um por que secca a planta, outro porque não permite que a espiga chegue ao estado de madureza.

Para se semear o trigo é indispensavel que a terra seja primeiro lavrada e desterrada. Nos terrenos leves é esta operação facilissima e para a pôr em pratica bastará o arado. Fig. 1. O exterroamento faz-se com uma grade ordinariamente triangular, com nove palmos de cada lado em cujo topo se adopta um páo de bolea a que se prendem as bestas. As relhas são substituidas por dentes conicos e verticaes de ferro de seis polegadas de comprimento pouco mais ou menos. Fig. 2.

O trigo semea-se desde os principios de outubro até janeiro, e é mais seguro semeal-o no crescente da lua, e colhel-o no minguante.

O trigo pôde produzir quarenta sementes se antes de se deitar á terra se pozer a porção que se quizer semear dentro de um cesto viudimo ás camadas entre estreme e cal e o escaldarem depois. Feita esta operação tira-se o trigo do cesto passadas vinte minutos e bota-se á terra. Nasee mais depressa e pôde produzir como dissemos até quarenta sementes, isto é quarenta moios por um.

O lavrador que quizer ter uma colheita limpa deverá ter cuidado de fazer mondar a seara no fim do Inverno e principios da Primavera. As pessoas empregadas na mouda devem ter o cuidado de arrancar as hervas com a raiz.

Os terrenos seccos e áridos são os que mais precisam de mouda por isso que as plantas parasitas lhes chupam a pouca hu-

midade que tem em prejuizo do trigo. Por esta razão os bons agronomos aconselham segunda mouda n'estes terrenos antes das chuvas da Primavera.

Da farinha do trigo faz-se o melhor pão, que é o mais conveniente mantimento da especie humana, e como de sua natureza gera humores viscosos é por isso que se lhe junta sal o qual segundo a opinião de doutos tem a propriedade de seccar os humores superfluos, e cortar as viscosidades.

Para se evitar que o gorgulho ataque o trigo guardado, é bom por-se no celeiro—artemija.

## EXPEDIENTE DA ADMINISTRAÇÃO.

Os nossos assignantes de Vianna e seu districto, podem d'oravante pagar suas assignatura ao nosso estimavel correspondente na mesma cidade, o illm.º sr. Francisco José d'Araujo Junior, em poder de quem se acham os competentes recibos devidamente assignados.

Até esta data ficam pagas as assignaturas dos exm.ºs cavalheiros, cujos nomes seguem, e a quem muito agradecemos a cooperação que nos dispensam:

*Alpedrinha.*—Antonio C. de Almeida Viegas, até 15 de abril de 1876.

*Porto.*—Banco da Estremadura, até 22 de abril de 1876.

*Santa Martha de Bouro.*—Manoel Antonio da Silva, até 11 de janeiro de 1876.

*Santa Martha de Bouro.*—Antonio Joaquim Fernandes da Silva, até 11 de abril de 1876.

*Penella.*—José Manoel Rodrigues, até 31 de dezembro de 1875.

*Bragança.*—Reitor de Donai, até 30 de abril de 1876.

*Monção.*—José Antonio Caetano de Castro, até 10 de junho de 1876.

*Certã.*—Padre João Dias Barata, até 19 de março de 1877.

(Continúa)

**SAÚDE A TODOS** sem medicina, purgantes nem despesas com o uso da deliciosa farinha de saúde,

DU BARRY de Londres.

27 annos d'invariavel successo

5 Toda a molestia acaba com o uso da deliciosa *Revalsciére* du Barry que toroa a dar a saúde, a energia, a boa digestão e o somno. Cura as indigestões, (dispepsia) gastrica, gastralgia, flegmas, arrotos, flatos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritações intestinaes, diarrhea, dizenteria, colicas, tosses asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos oeryos, diabethe, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue. 75.000 curas entre as quaes contam-se a do duque de Pluskow da exc.ª sr.ª marqueza de Brehan, dos doutores Manoel Saens de Tejada da Universidade de Cordova etc. etc.

Certificado do celebre dr. Rudolph Wurzer:

Bonn, 19 de Julho de 1854.

Esta ligeira e agradável farinha é o melhor absorvente; ao mesmo tempo nutritiva e restaurante substitua admiravelmente toda a medicação em muitas doenças. E' de grande utilidade, sobre tudo nas renitencias habituaes do ventre, bem como nas diarrheas, affecções nos rins e na bexiga, na pedra, irritações, inflamações, e cambras da uretra, e bexiga, nos apertos e hemorroides bem como nas enfermidades pulmonares, bronchites, na tosse e consumpção. Tenho a convicção que a *Revalsciére du Barry* tem a propriedade preciosa de curar as molestias heclicas.

Dr. Rud. WURZER

membro de muitas sociedades scientificas.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.—Preços fixos da venda por miudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de ¼ kilo, 500; de ½ kilo 800 rs; de um kilo, 1,500 reis; de 2 ½ kilos, 3,500 reis; de 6 kilos, 6,500 reis, e de 12 kilos, 12,500 reis.

Os *biscuits* da *Revalsciére* que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1,500 reis.

O melhor chocolate para a saúde é a **Revalensière chocolata**; ella restitue o appetite, digestão, somno, energia as carnes duras ás pessoas, e ás creanças e mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em paus, ou em pó em caixas de folha de lata de 10 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 820 reis; de 48 chavenas, 13400; de 120 chavenas, 32200 reis, ou 23 reis cada chavena.

**BARRY DU BARRY & C.<sup>a</sup>**—Place Vendôme, 26, Paris; 77 Regent Street Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguitas, mercieiros, etc., das provincias devem dirigir os seus pedidos ao deposito Central; snr. Serzedello & C.<sup>a</sup> Largo do Corpo Santo 16, Lisboa, (por grosso e miúdo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Baral & Irmãos, rua Aurea, 12. Porto, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rahir; Coimbra, V. Botelho de Vasconcellos; Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharm.; Barcellos, Ramos, pharm.; Braga, Pharmacia Maia, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, Domingos J. V. Machado, praça Municipal. Figueira, Antonio Vieira, pharm.; Guimarães, A. J. Pereira Martins, pharm.; Penafiel, Miranda, pharm.; Ponte do Lima, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.; Povo do Varzim, P. Machado de Oliveira, pharm.; Vianna do Castello, Afonso e Barros, droguitas; Villa do Conde, A. L. Maia Torres, pharm.

### AGRADECIMENTOS

Beato José da Rocha, sua esposa e filhos, da freguezia de Covas, vêm por este meio lavar um protesto de profundo reconhecimento de que estão possuidos para com todos os ecclesiasticos e mais pessoas que tanto os penhoraram por occasião do fallecimento de seu chorado irmão cunhado e thio o revm.<sup>o</sup> snr. Manoel José da Rocha, parochio que foi na freguezia da Correlhã. A todos a sua gratidão indelevel. (2928)

Manoel Joaquim da Silva Azeo, Antonia Maria Pinto Coutinho e José Joaquim Rodrigues, não podendo pessoalmente agradecer a todas as pessoas que lhes fizeram a honra de os cumprimentar e assistir ao officio de corpo presente, que por alma de seu pae e sogro Sebastião José da Silva Azeo, que teve logar no dia 7 de corrente, na igreja da Sé Primaz, o fazem por este meio protestando a todos o seu eterno reconhecimento.

Egualmente agradecem a todas as pessoas que esperaram os restos mortaes do finado, e assistiram ao responso de supultura no cemiterio publico. (2929) (169)

### ANNUNCIOS

#### BANCO ALLIANÇA

Dividendo do 2.<sup>o</sup> semestre de 1875

Na thesouraria do Banco do Miho a principiar no dia 24 do corrente, desde as 10 horas da manhã até á 4 da tarde, pagar-se-ha aos snrs. accionistas d'aquelle Banco residentes n'esta cidade, o dividendo do 2.<sup>o</sup> semestre do anno pp. á razão de 4 p. c. ou 24400 rs. por acção.

Braga 19 de janeiro de 1876. (2926)

#### COMPANHIA GERAL BRACARENSE

São convidados os snrs. accionistas a reunirem-se em assemblea geral no dia 26 do corrente, pelas 10 horas da manhã, no escriptorio da mesma Companhia, campo de D. Luiz 1.<sup>o</sup>, para os fins consignados no art. 12.<sup>o</sup> dos estatutos.

Braga, 19 de Janeiro de 1876.

O presidente,

2929 Francisco de Campos Azevedo Soares.

Pelo juizo de direito d'esta comarca e cartorio de Furtuna, corre seus devidos termos uma acção de separação de pessoas

e bens requerida por Maria Gomes d'Almeida, da freguezia de Cunha contra seu marido Francisco Jeronimo de Sá Corrêa, da freguezia de Ruilhe. Esta acção foi distribuida em audiencia de 17 do corrente mez, o que se annuncia para dar cumprimento ao disposto no art. 1225 do Código Civil. (2927)

#### Ensino primario agricola

Por P. Joigneaux, versão portugueza por Paulo de Moraes, ampliado com adagios agricolas, evangelho do lavrador e uma curiosa serie de apreciações sobre diferentes culturas em Portugal. Preço 500 réis (cartenado), com interessantes gravuras. A' venda na livraria de Madame Marie Lallemant, rua do Thesouro Velho, 22, Lisboa. Franco de porte para as provincias.

#### EDIÇÃO DE LUXO

#### O DOURO ILLUSTRADO

Album do rio Douro e paiz vinhateiro

PELO

VISCONDE DE VILLA MAIOR

2.<sup>a</sup> caderneta. . . . . 200

(em distribuição)

Continua a receber-se assignaturas na

LIVRARIA UNIVERSAL

DE

MAGALHÃES & MONIZ—Editores.

11—Largo dos Loyos—14

#### Banco Commercial de Braga

Acha-se aberto o pagamento dos dividendos d'este Banco, todas as segundas, quartas e sextas feiras, desde as 10 horas da manhã até á 4 da tarde, relativos ao 2.<sup>o</sup> semestre de 1875 na razão de 5 por cento, ou 25500 réis por cada acção da primeira emissão e de 13435 das de segunda.

Os snrs. accionistas do Porto podem receber na Caixa Filial d'este Banco em aquella cidade.

Braga 18 de Janeiro de 1876.

Os directores

João Evangelista de Sousa Torres e Almeida Luiz Antonio da Costa Braga.

#### BANCO MERCANTIL

DE

BRAGA

A direcção annuncia que desde dia 17 do corrente está em pagamento o dividendo do ultimo semestre, na razão de 13200 por acção; no Porto na sua agencia na Praça de D. Pedro, e n'esta cidade na casa do Banco, em todas as segundas, quartas e sextas feiras, desde as 10 horas da manhã até á uma da tarde.

Braga 14 de janeiro de 1876.

Os directores

José Joaquim Lopes Cardozo João da Costa Palmeira José Antonio Rebello da Silva.

Por ordem do exm.<sup>o</sup> vice-presidente da Assembleia Geral são convidados os snrs. accionistas a comparecerem na sede do Banco, no dia 22 do corrente pelas 12 horas da manhã para se proceder á eleição de dous supplentes á direcção.

Braga 14 de janeiro de 1876.

O secretario

Domingos Moreira Guimarães.

#### BANCO DA COVILHÁ

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

São convidados todos os snrs. accionistas d'este Banco a reunirem-se no dia 30 do corrente, por 2 horas da tarde, no edificio onde está installado o mesmo Banco, n'esta cidade, afim de se cumprirem as disposições do § 1.<sup>o</sup> do art. 18.<sup>o</sup> dos respectivos estatutos.

Covilhã 10 de janeiro de 1876.

O secretario da Assembleia Geral

Francisco Rodrigues Antunes Castanheira. (2922)

## A OPERARIA



#### GRANDE DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DE

#### M. GUICHARD

Construidas por H. J. Petit, de Bruxellas

13—Praça de Carlos Alberto—14

PORTO.

N'este estabelecimento encontra-se á venda um grande sortimento de machinas de costura; para familias e costureiras, proprias para todo o trabalho de obra branca e fina de côr. Para alfaiates, estofadores, chapelleiros etc.: podendo executar toda a obra de panuo e couro fino. De lançadeira grande (levando 300 metros de fio.) Para calçado, correzmes, arreios etc. De braço, especies para calçado, podendo metter elasticos e fazer toda a sorte de concertos. — Portateis, de mover á mão, podendo tambem funcionar com pedal, muito convenientes para familias. De bordar, executando admiravelmente toda a qualidade de bordados, a branco e côres, em relevo etc.; proprias para modistas, costureiras, estofadores, corrieiros: esta machina, uma das maravilhas da industria moderna, pôde fazer a fortuna da pessoa que a possuir. De cravar calçado, que em poucos minutos cravam, parafusando com toda a segurança, um par de calçado. O resultado d'este trabalho é muito superior ao actualmente adoptado. De lavar, indispensaveis ao uso domestico, recomendaveis pela economia que resulta, não só da lavagem, como da conservação da roupa. Todas estas machinas são acompanhadas de um completo sortimento de accessorios que facilitam a execução de todas as obras.

Garante-se a perfeição e duração de todas as machinas vendidas, e attendendo-se ao perfeito trabalho e á solidez da sua construcção pôde affoutamente asseverar-se que não tem rival na modicidade dos preços. A fim de proporcionar aos compradores todas as vantagens, esta casa não só facilita o pagamento por prestações, mas tambem a aprendizagem, para o que fez vir do estrangeiro um artista perfeito conhecedor do machinismo, e duas senhoras, para praticamente darem as necessarias explicações. Ha completo sortimento de algodões, linhas, lãs e sedas, em todas as côres, para bordados e costura, assim como todos os accessorios e peças sobreelentes para as diversas machinas. Qualquer concerto de que necessitem as machinas vendidas n'este estabelecimento será feito immediatamente e com toda a perfeição. Executa-se a preço modico qualquer obra de bordados para modistas, estofadores, alfaiates, etc.

Este estabelecimento tem o exclusivo da importação, das machinas d'este auctor em Portugal.

Faz-se abatimento a quem comprar por atacado.

Deposito em Braga, em casa dos snrs. Almeida & Pereira. (2904)

#### Declaração e protesto

D. Carolina da Rocha Pereira do Lago, actual senhora e possuidora da quinta de Passos, situada no logar do mesmo nome, freguezia de S. Victor d'esta cidade, declara que nos prados chamados as Lameiras, que estava usufruindo o fellecido Manoel de Magalhães d'Araujo Pimentel, e que confrontam com terras do seu praso, ha terrenos pertencentes a esta, pelo que protesta haver todos os que estiverem fóra da medição, que lhe pertence. (2921)

#### COADJUTOR

Precisa-se d'um em uma freguezia proximo d'esta cidade. Quem se achar habilitado para isso queira participar n'esta redacção. 2901

## CARTÕES DE VISITA E DE CASAMENTO

Imprimen-se na Livraria Catholica

DE

Joaquim José Vieira da Rocha,

10—Rua do Souto—10

BRAGA.

Preços: cada cento impre-são e cartão branco liso,—400, 440, 450, 550 e 650 rs.

Ditos tarjados para luto, impressão e cartão,—700 e 750 rs. (2870)

## MALA REAL INGLEZA

S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres

Acceptando tambem passageiros de 3.<sup>a</sup> classe para SANTOS e RIO GRANDE DO SUL com trasbordo no Rio de Janeiro

Este paquete da Companhia Mala Real Inglesa sahirá de Lisboa em 28 de Janeiro.

MONDEGO

Para mais esclarecimentos dirijam-se á Agencia Central no Porto, rua dos Ingleses, 23—o agente Guilherme C. Tait, e nas provincias ás agencias e correspondencias nas principaes cidades e villas. (V)

## MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS, N. 5.

Vende papeis pintados para guarnecer salias, lindissimos gostos, a principiar em 80 reis a peça.

Vende olio, tintas e vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e preços muito resumidos.

Vende cimento romano para vedar aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade. (Z\*)

#### Nova fundição de ferro e metaes

De Antonio Germano Ferreirinha Travessa de S. João—Braga.

O proprietario d'esta officina funde toda a obra de ferro e metal, de qualquer tamanho e natureza que seja, assim como tambem faz memorias de ferro ou metal, tudo pelos preços do Porto, e com a maxima perfeição.

BRAGA: TYPOGRAPHIA LUSITANA — 1876.